DESTRUIÇÃO DA NATUREZA E CRISE DE HEGEMONIA

Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

## SERVICO SOCIAL E GERENCIALISMO: a precarização do trabalho

dos/das assistentes sociais do sociojurídico carioca.

Karla Valle<sup>1</sup>

#### **RESUMO**

Este texto apresentará parte dos resultados da pesquisa de campo realizada iunto aos assistentes sociais do socioiurídico do Estado do Rio de Janeiro, via aplicação de questionário, referente a tese de doutorado que analisou os impactos da racionalidade gerencial sobre o trabalho do assistente social em espaços sócio-ocupacionais reestruturados, forjados pela crise do capital e pela reforma neoliberalgerencial do Estado, capitaneada pelos organismos multilaterais. Debatemos as condições de vida e trabalho desses profissionais. abarcando o sofrimento laboral e as intercorrências éticas e de saúde advindas das novas formas culturais e de organização do trabalho de cariz neoliberal. Entende-se que os "fetiches da gestão" catalisam a perda da já relativa autonomia do assistente social, reforcando a subalternidade profissional e adensando os projetos profissionais conservadores em disputa na categoria. O referencial teóricometodológico baseia-se, essencialmente, na perspectiva marxista, abrangendo autores da área de Saúde do Trabalhador e que debatem o Mundo do Trabalho.

Palavras-chave: Assistente social. Gerencialismo. Sofrimento laboral.

#### **ABSTRACT**

This text will present part of the results of the field research carried by social workers from the social-legal of Rio de Janeiro State, via questionnaire, referring to a doctoral thesis that analyzed the impacts of managerial rationality on the work of social workers in socialoccupational restructured spaces, forged by the capital crisis and by the neoliberal-managerial reform of the State, led by multilateral organisms. We debated the living conditions and work of these professionals. considering labor suffering and also ethical and health complications arising from new cultural forms and neoliberal work organization. It is understood that the "management fetishes" catalyze the loss of the already relative autonomy of the social worker's, reinforcing professional subordination and strengthening the conservative professional projects in dispute in the category. The theoreticalmethodological framework is essentially based on the Marxist perspective, encompassing authors from the Workers' Health area and who debate the World of Work.

**Keywords:** Social worker. Managementism. Labor suffering.

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Karla Fernanda Valle, assistente social do Tribunal Regional do Trabalho do Rio de Janeiro (TRT-RJ): Doutora em Serviço Social pela Escola de Serviço Social da UFRJ (ESS/UFRJ); E-mail: karlafvalle@gmail.com





DESTRUIÇÃO DA NATUREZA E CRISE DE HEGEMONIA Consciência de Classe e Lutas

TRABALHO ALIENADO.

Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

# 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta, brevemente, trechos das reflexões desenvolvidas na tese de doutorado "Serviço Social e Gerencialismo: um debate sobre o trabalho profissional em espaços sócio-ocupacionais reestruturados". Apresentaremos parte dos *resultados obtidos, via questionário*, em que buscávamos as particularidades vivenciadas pelos assistentes sociais do sociojurídico carioca, inseridos num contexto de precarização estrutural do trabalho, abrangendo as intercorrências de saúde e ético-profissionais advindas das novas formas culturais e de organização do trabalho, atravessadas pelo ideário neoliberal.

Debatemos o Serviço Social brasileiro na condição de trabalho profissional de caráter ideológico, inserido em uma dinâmica societária em que o aquçamento da crise do capital, bem como as refrações da ideologia neoliberal sobre o mundo do trabalho, impactam negativamente o projeto ético-político crítico-progressista do assistente social. Partimos do pressuposto de que os impactos da racionalidade gerencial recrudescem a subalternidade e os limites da já relativa autonomia profissional, impondo-se por meio de modismos gerencialescos que são reinterpretados sob a luz do tradicionalismo na cultura profissional. Para além disso, nos interessa pensar o sofrimento no trabalho, o adoecimento e a violência laboral (sofrida e praticada por assistentes sociais) enquanto reflexos contemporâneos do recrudescimento das expressões da questão social e da barbarização da vida social, a qual afasta, ainda mais, o homem da dimensão ontológica do trabalho. Por fim, pensamos a controversa relação existente entre o projeto profissional crítico do Serviço Social e a condição de assalariamento dos assistentes sociais, mediante a radicalização do desmonte das responsabilidades do Estado na preservação do direito à vida de amplos segmentos sociais.

Temos como mediações necessárias à nossa análise, o papel dos ditames dos organismos multilaterais, em especial, do Banco Mundial (BM) e do Fundo Monetário Internacional (FMI), na estruturação da reforma neoliberal-gerencial do Estado brasileiro. Esta produz severas transformações nos espaços sócio-ocupacionais dos assistentes sociais do sociojurídico ao considerarmos os pressupostos da Nota Técnica do Banco Mundial nº319, que prevê a reforma do judiciário na América Latina



DESTRUIÇÃO DA NATUREZA E CRISE DE HEGEMONIA Consciência de Classe e Lutas

TRABALHO ALIENADO.

Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

e Caribe. Por essa razão, pensamos o gerencialismo como uma genuína expressão das ideias da classe dominante as quais, mesmo que cada vez mais abstratas, assumem uma falsa aparência de universalidade e racionalidade (NETTO, 2012).

# 2 O SOFRIMENTO LABORAL E O ADOECIMENTO DOS ASSISTENTES SOCIAIS DO SOCIOJURÍDICO CARIOCA

A intensificação e a precarização do trabalho no serviço público e, consequentemente, sobre o espaço sócio-ocupacional (ainda majoritário) do Serviço Social nos coloca diante de novos desafios que, paradoxalmente, retroalimentam práticas que representam aquilo que há de mais conservador na profissão, como ações de tutela, coerção e convencimento. Tais características, quando mescladas aos ditames do ideário gerencial e respaldadas pela generalização do abandono da razão pelos pensamentos neopositivista, pragmatista e pós-moderno, forjam novas necessidades sociais que naturalizam técnicas de mobilização da subjetividade e passivização do trabalhador (a exemplo da humanização, mediação de conflitos etc.). Frente ao exposto, buscávamos, por meio dos questionários, afunilar a nossa análise para as especificidades desta dinâmica na área sociojurídica carioca. Pudemos contar com 16 questionários respondidos aleatoriamente o que, a nosso ver, é qualitativamente representativo, tendo em vista termos garantido uma positiva abrangência de todas as instituições do sociojurídico carioca que desejávamos pesquisar.

A primeira pergunta que nos parece relevante a este trabalho foi "Há assistentes sociais com vínculo contratual diverso do seu em sua instituição?". Afinal, desejávamos conhecer o alcance da precarização do trabalho no campo do sociojurídico e as suas implicações não só à saúde desses assistentes sociais, mas também às implicações destas distinções no que concerne à fragilização dos coletivos laborais. Assim, pudemos observar que 75% dos respondentes afirmam trabalhar com assistentes sociais em condições de empregabilidade diversas, a saber: terceirizados; profissionais contratados na condição de peritos; e cargos em comissão marcados por dimensões coronelistas (por prescindirem de formas de seleção públicas). Há ainda os profissionais voluntários, e aqueles cedidos por outros Órgãos. Sobre este aspecto,

X Jornada Internacional Políticas Públicas



TRABALHO ALIENADO,
DESTRUIÇÃO DA NATUREZA E
CRISE DE HEGEMONIA
Consciência de Classe e Lutas

Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

mesmo considerando que a maior parte dos respondentes seja de estatutários, revelase a existência, dentro das mesmas entidades de atuação, de profissionais com
vínculos trabalhistas precarizados. Isto denota não só as intercorrências da
transmutação dos direitos sociais em serviços, mas também nos traz uma expressão
concreta da forma como a precarização do mundo do trabalho irá se expressar nessa
interação com a administração pública na condição de agente empregador. Trata-se,
pois, de um misto em que se reafirmam os vícios advindos de nossa formação sóciohistórica, de uma burguesia que, em si, é reacionária e simbioticamente faz com que
os seus interesses de classe sejam disfarçados sob o manto bonapartista do aparato
estatal.

Sendo assim, numa dinâmica de precarização do trabalho, recuperamos o nosso histórico escravocrata em que o trabalhador livre dependia das "bênçãos" dos coronéis e dos padrinhos para trabalhar de forma comissionada ou voluntária. Por outro lado, flexibilizam-se (na verdade, fragilizam-se) os vínculos laborais, visto que a tentativa de "modernização" estatal tem como pressuposto a ineficiência e o elevado valor de custo da mão de obra de um servidor público (como é possível verificar na Nota Técnica do BM, nº319). Esta dinâmica favorece um componente de não identificação com o coletivo laboral e, consequentemente, de não identificação classista dentro da própria categoria profissional dos assistentes sociais. Tal especificidade serve à construção de posicionamentos fagocitados acriticamente e, portanto, limitados pelos objetivos das instituições contratantes que se apresentam como a entificação de um Estado neoliberal-gerencial. Por este compreendemos que o Poder Público empregador contribui para a (re)reatualização da psicologização das relações sociais e, mais especificamente, do próprio trabalho num patamar jamais antes visto, ao considerarmos contar com assistentes sociais voluntários conforme supramencionamos. Isto, também, por meio da modulação subjetiva de seus agentes a ponto de servidores públicos defenderem a privatização de suas próprias instituições contratantes. Nas palavras de Alves (2007, p. 129): "É o avanço da reificação como princípio organizativo do fetichismo da vida social e a exacerbação do estranhamento como obstáculo irremediável à vida humanogenérica, que criam as condições sociorreprodutivas da cooperação complexa". Debatemos uma conjuntura propícia a criação de estamentos de assistentes sociais



TRABALHO ALIENADO, DESTRUIÇÃO DA NATUREZA E CRISE DE HEGEMONIA

Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

(em uma mesma instituição e área), fator este que, a nosso ver, adensa a disputa dos projetos de profissão – sejam estes explícitos ou velados– que existem no Serviço Social contemporâneo.

Portanto, os dados apresentados nos trazem, ainda, indicativos de um contexto no qual a barbarização financeirizada do capital implica em um enxugamento das já limitadas possibilidades de "concessões" da classe burguesa (por meio da dimensão político-jurídica) revelado, de imediato, pelas diferentes formas de contratação e condições previdenciárias dessas assistentes sociais na área sociojurídica. Materializa-se uma crise do potencial defensivo da esfera do trabalho, em um cenário de fragmentação da classe trabalhadora e de seus estatutos salariais. Estes vetores convergem para a insegurança no emprego e à pulverização dos direitos da seguridade social, em especial, da previdência social desses assistentes sociais (e da classe trabalhadora como um todo). Nesse contexto, Alves (2007) assinala que as especificidades do capitalismo contemporâneo no Brasil (advindas de nosso histórico colonial-prussiano) assumem dimensões efetivamente complexas no bojo do capital financeirizado. Destarte, pensamos a precarização do trabalho como a resultante do cerco do capital ao trabalho, por meio da imposição de novas formas de superexploração (e pela consequente perda de direitos).

Ainda nesta esteira, fizemos a seguinte pergunta ao grupo de assistentes sociais: "Das temáticas abaixo quais fazem parte da dinâmica da Instituição na qual você se insere, alcançando o cotidiano profissional do Serviço Social e de seus colegas. Pode ser assinalada mais de uma questão". Com isso, objetivávamos conhecer quais as expressões da dinâmica neoliberal-gerencial incidem sobre o trabalho do assistente social nos aparatos do sociojurídico, mas também sobre a sua própria condição de classe. Os aspectos mais referenciados foram: 1) Aumento do quantitativo de adoecimentos psíquicos; 2) Individualismo; 3) Produtivismo; 4) Adoecimento físico; 5) Generalização/banalização de relatos de estresse e; 6) assédio moral. Esse dado reafirmou a nossa percepção inicial de que as expressões contemporâneas de adoecimento — significativamente concentradas no campo psíquico (espirituais) e vinculadas a formas de exploração situadas em violências de cariz essencialmente manipulatório (como o assédio moral), fazem emergir a sintomatologia de uma verdadeira radicalização do estranhamento no trabalho, ou

X Jornada Internacional Políticas Públicas



TRABALHO ALIENADO, DESTRUIÇÃO DA NATUREZA E CRISE DE HEGEMONIA

Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

seja, da eliminação de todo o seu potencial criador e constituidor do ser social restando, apenas, o seu papel frente à reprodução do próprio capital.

Alves (2018), assinala que as atuais transformações do mundo do trabalho reestruturado e flexibilizado subjugam a disposição física e espiritual da força de trabalho, provocando "fraturas" sociometabólicas na relação tempo de vida/tempo de trabalho. Desse modo a nova precariedade salarial realiza transformações na estrutura da vida cotidiana das pessoas, modificando a dinâmica das trocas sociais como uma expressão dos fenômenos aqui aludidos de modo de *vida just-in-time e via reduzida*. Dessa forma, enlaça-se não só a subjetividade da classe que trabalha, mas tensiona-se a própria sociabilidade, paralisando os processos de individuação por meio da "imbecilização dos conteúdos culturais" (*Ibid*, p.31). Cabe acrescentar: a sociedade neoliberal deforma a alma humana com o intuito de discipliná-la à sua condição reduzida de força de trabalho. E, por tal motivo, o adoecimento e as doenças do trabalhador consistem em expressões efetivas da miséria humana, as quais podem ganhar uma dimensão ainda mais simbólica junto àqueles *que exercem o trabalho ideológico por exigir: "cuidado, abnegação e doação* [como, por exemplo, o trabalho do formador ou o trabalho assistencial]" (ALVES, 2013, p.188).

Frente ao exposto, perguntamos aos assistentes sociais entrevistados: "Você se sente adoecido ou desenvolveu sintomas como insônia, perda do humor, irritabilidade, cansaço generalizado, estresse contínuo, problemas gástricos, apatia etc. que você correlacione a sua rotina de trabalho?". Assim, pudemos constatar que 87% dos assistentes sociais que responderam ao nosso questionário se entendem como adoecidos. Faz-se então necessário localizarmos a sintomatologia apresentada por esses assistentes sociais enquanto detentores de um trabalho profissional de cariz ideológico, no contexto da precarização do mundo do trabalho e das particularidades do desgaste da saúde na dinâmica do capital barbarizado. Isto porque, conforme esclarece Alves (2013), um dos aspectos cruciais do trabalho ideológico é sujeitar, de modo ainda mais severo, a subjetividade do homem que trabalha à sua atividade laboral. Por esse motivo, o adoecimento revela uma etapa suprema da desrealização humana e pessoal, característica da situação-limite do estranhamento que perpassa a sociedade burguesa. Em linha convergente de pensamento, Han (2017) salienta que a sociedade (do culto ao) desempenho é uma sociedade de autoexploração e, por tal

X Jornada Internacional Políticas Públicas



TRABALHO ALIENADO,
DESTRUIÇÃO DA NATUREZA E
CRISE DE HEGEMONIA
Consciência de Classe e Lutas

Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

motivo, o sujeito do desempenho consome a si mesmo completamente, podendo chegar a uma autoagressividade que, não extraordinariamente, pode resultar em suicídios. Nas palavras do autor: "O projeto se mostra como um *projetil*, que o sujeito desempenho direciona contra si mesmo" (HAN, 2017, p.101). Por esse motivo, as doenças psíquicas como a depressão e o *burnout*, são as expressões centrais do adoecimento no século XXI, posto que são formas de adoecer significativamente marcadas pela dimensão da autoagressividade, numa sociedade em que "estar vivo" passou a se resumir a um "sobreviver histérico".

Para Seligmann-Silva (2011), o trabalho humano tornou se predominantemente mental. Todavia, apesar disso, os sistemas de reestruturação produtiva não se debrucaram sobre a inevitabilidade do crescimento de fenômenos como a exaustão emocional e a intensificação do cansaço mental, os quais se chocam, justamente, com os objetivos produtivos. Além disso, as transformações dos locais de trabalho, bem como o desmonte dos coletivos laborais, trazem consigo o abalo de um dos mais importantes pilares da identidade e da saúde mental que são: o reconhecimento do trabalhador como pessoa e, também, do trabalho por ele realizado. Segundo Dejours (2000) o reconhecimento no labor não é uma reivindicação secundária. Ele é decisivo na dinâmica de mobilização da inteligência e da subjetividade, visto que, quando a qualidade do trabalho é reconhecida, também são legitimados os esforços, as angústias, as dúvidas, as decepções e os desânimos, o que é traduzido afetivamente por um sentimento de alívio e prazer. Paradoxalmente, esse capitalismo manipulatório tão focado na subjetividade humana ignora as implicações da precarização existencial do homem que trabalha (da desefetivação humano-genérica) aos seus próprios interesses produtivos, o que traz à tona a face essencialmente contraditória e autodestrutiva do capitalismo enquanto modo de produção.

Han (2017) salienta que o culto ao desempenho produz a sociedade do cansaço que, por sua vez, reverbera-se em uma espécie de sociedade do doping, na qual a vitalidade se resume à capacidade de resistir e se adaptar. Para tanto, o sujeito se medica para produzir e para dormir. O mais comum é que o desgaste físico e/ou psicológico siga embotado, num processo de cronificação que, todavia, é impossível de se disfarçar por muito tempo, tendo em vista a diminuição da vitalidade, o



TRABALHO ALIENADO,
DESTRUIÇÃO DA NATUREZA E
CRISE DE HEGEMONIA

Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

desaparecimento do entusiasmo pelo trabalho e as restrições funcionais que irão se revelar por meio da queda no desempenho e pelo apagamento da criatividade (SELIGMANN-SILVA, 2011). Por essa razão, Laurell e Noriega (1989) sinalizam que o trabalho alienado, por implicar em um uso deformado e deformante do corpo e das potencialidades psíquicas, converte-se numa atividade em que o seu conteúdo desgastante é muito maior que o da reposição e desenvolvimento das capacidades.

Aporta relevante simbolismo o fato de que, nos registros feitos pelos profissionais respondentes desta questão sejam indicados, sobejamente, sintomas14 como: 1)ansiedade; 2) estresse; 3) cansaço generalizado/ exaustão; 4) hipertensão; 5) sentimento de impotência; 6) ausência de controle sobre as próprias necessidades fisiológicas (subjugadas ao ritmo laboral); 7) obesidade; 8) irritabilidade e perda do humor; 9) perda da sensação de trabalho cumprido, dente outros. Isto posto, daremos visibilidade a três falas transcritas de assistentes sociais respondentes sobre as suas condições de vida e labor, as quais consideramos emblemáticas

- 1. A ausência de coordenação de serviço social e/ou de organização dos profissionais leva a um embate ininterrupto pela defesa da profissão, no que tange às nossas atribuições e competências. É exaustivo. A cada mudança de chefia temos que reafirmar os limites da nossa atuação. O êxito no diálogo com os demandatários é a custo de muito estresse. Mas, só assim conseguimos estabelecer limites, evitar os equívocos quanto ao fazer do assistente social e, ao mesmo tempo, obter o reconhecimento profissional;
- 2 Ao mesmo tempo em que se sabe que a sobrecarga de trabalho não pode ser resolvida pela disposição ao trabalho, há uma cobrança em dar conta da quantidade de trabalho que é dividido na equipe. Ao não dar conta, aparecem sintomas como ansiedade, estresse, cansaço, irritabilidade e perda de humo;
- 3. Trabalho ininterruptamente da hora que chego até a hora que saio e não consigo finalizar minhas tarefas, estou sempre com serviço atrasado. Desde que tomei posse há 14 anos não foi convocado mais nenhum profissional de serviço social para o setor e o número de processos só aumenta. Tenho dificuldade pra parar para comer e ir ao banheiro. Engordei muito e tenho cansaço generalizado, insônia ansiedade por que trabalho, trabalho e nunca o trabalho está em dia;

A nosso ver, estas falas das/dos assistentes sociais, permeiam o complexo da precarização estrutural do trabalho e do estranhamento do homem que trabalha nesse cenário de barbarização do capital, de forte conotação de manipulação psicológica. Quando as assistentes sociais acima relatam cansaço generalizado, hipertensão, depressão, ansiedade e sensação de vida reduzida, enfim, sintomas/adoecimentos

X Jornada
Internacional
Políticas Públicas



TRABALHO ALIENADO,
DESTRUIÇÃO DA NATUREZA E
CRISE DE HEGEMONIA
Consciência do Classo e Lutas

Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

essencialmente localizados na esfera da saúde mental, elas revelam o nexo existente entre as suas condições de vida e de adoecimento, com as demais parcelas da classe trabalhadora. E mais: denotam como ainda não são claras as intercorrências, bem como o alcance da lógica neoliberal-gerencialesca sobre os seus modos de viver e trabalhar, visto que os seus principais sintomas estão centralizados nas cargas psíquicas de labor.

Aprofundando esse debate para as especificidades do trabalho profissional dos assistentes sociais, Seligmann-Silva (2011) esclarece que os profissionais que desenvolvem o burnout, por exemplo, são - em grande parte - pertencentes às categoriais que prestam serviços a outras pessoas e tendem a ter a sua atribuições associadas ao papel de cuidadores, sendo, pois, os assistentes sociais um dos principais nichos junto aos professores, enfermeiros e médicos, etc. Assim, prossegue a supramencionada autora, o ideal de perfeição imposto por esse novo modelo traz consigo uma visão de saúde e disposição inesgotáveis que se chocam com o empobrecimento do significado do trabalho em um contexto de massiva precarização labor. Por esse motivo, a violação dos próprios valores é encontrada na raiz de muitos processos de adoecimentos vinculados ao trabalho, merecendo destaque, dentre eles, a depressão. Por vezes, quando relacionada ao trabalho, esta tende a se manifestar com maior sutileza, através de posturas de desânimo diante da vida e do futuro, cuja apresentação imediata é o conformismo fatalista tão problematizado pelo Serviço Social legatário da intenção de ruptura. Por fim, ainda em resposta a fala dos assistentes sociais entrevistados, é necessário sinalizar a questão da ansiedade gerada por meio das missões impossíveis inerentes à quantofrenia contemporânea, bem como por meio da restrição autoritária – muito presente no sociojurídico – quanto às (im)possibilidades de reformulação de modos, recursos e tempos vinculados à realização das tarefas e alcance das metas.

De acordo com Alves (2013), a dupla perversidade do sistema contemporâneo consiste em, justamente, ocultar e imputar às vítimas a culpa de seu adoecimento, de maneira que a ideologia da doença do trabalho é enquadrada como um caso clínico, e não como produto de uma forma de organização e gestão do trabalho. Por conseguinte, a lógica gerencial traz uma sensação de intensificação do trabalho, articulada ao não desligamento da atividade laboral. Estes fatores promovem o



DESTRUIÇÃO DA NATUREZA E CRISE DE HEGEMONIA Consciência de Classe e Lutas

Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

agravamento de quadros de estresse, de síndrome de Burnout e de uma espécie de insalubridade mental tendo em vista que o indivíduo se animaliza: suas aspirações, conforme já sinalizamos, resumem-se a comer, beber, dormir, procriar – quando muito, se estendem a espaços de consumo fetichizado. O tempo de trabalho coloniza a vida pessoal expressando o fenômeno da vida reduzida (delimitado por Alves) de tal forma que, ainda que este indivíduo não esteja desenvolvendo atribuições formais, possui a sua mente conectada e subjugada à dinâmica laboral – fator este que redunda em seu adoecimento (ALVES,2013).

Isto posto, recuperar a centralidade da categoria trabalho para pensar o Serviço Social, reiterando a importância de que esse profissional construa mecanismos de reconexão ao movimento geral das lutas da classe trabalhadora é fundamental ao processo de resistência e reinvenção da tradição progressista do Serviço Social em meio a uma conjuntura reacionária. Se um dos grandes legados da perspectiva de intenção de ruptura foi precisamente essa categoria profissional debruçar-se sobre a sua própria condição de assalariamento e, da necessidade de reverter o seu viés militante a fim de dar robustez ao Serviço Social na condição de trabalho profissional; por que haveríamos de abdicar — em tempos de radicalização da exploração capitalista — dessa condição de trabalhadores, se as saídas aos desafios dessa categoria profissional continuam sendo junto a luta geral das classes que trabalham?

### 3 CONCLUSÃO

O desenvolvimento da sociedade capitalista, de suas formas tecnológicas e de produção, junto da intensa estruturação de formas de socialização, ao invés de facilitar a compreensão dos homens sobre os processos reificadores aos quais estão expostos, acaba, em verdade, por intensificar exponencialmente as formas acríticas de submissão aos seus modos de vida. Estas se apresentam, cada vez mais, como delimitadores de personalidades, componentes irrevogáveis de cada vida humana (LUKÁCS, 2013). Não à toa compreendemos a condição das violências laborais e do adoecimento psíquico do homem que trabalha como expressão direta da barbarização das formas de expressão da questão social na contemporaneidade. *Quanto mais "humanizadora" a retórica gerencialesca, menos sentido humano dá-se ao trabalho* 



TRABALHO ALIENADO, DESTRUIÇÃO DA NATUREZA E CRISE DE HEGEMONIA

Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

desenvolvido em tempos de financeirização do capital, visto que por meio delas são reforçadas saídas que cristalizam o homem moderno em uma condição associal.

Lukács (2013) assevera que os aspectos simplificadores e deformadores da personalidade humana se forjam no decurso da expansão e do "aprimoramento" da divisão social do trabalho, promovendo uma interpenetração entre o trabalho e a vida privada. Por essa razão, neste contexto epidémico de "violências laborais e adoecimentos psíguicos", algumas formas de ser que refletem o estranhamento entre o homem e o seu semelhante, costumam ser identificadas/reduzidas à condição de "peculiaridades pessoais". Trata-se de homens que, por vezes, seguem rotinas engessadas, que são carreiristas e arrivistas, verdadeiros tiranos domésticos. Estes, não apenas possuem tais características legitimadas pela cultura contemporânea, como também passam a ser respeitados em virtude de tais formas de ser e, não, apesar dessas formas de ser. Logo, o surgimento de personalidades como estas (alienadas e alienantes) consiste em um fato histórico-social muito importante ao nosso debate, visto que representam sínteses imediatas que compõem a base do ser social da qual se origina o indivíduo (mas não o ser social em sua integralidade, é importante demarcar). Afinal, afirma o filósofo húngaro, os princípios ordenadores da vida social (da tradição, do direito e até a moral) consistem em armas ideológicas que servem a minimização dos conflitos sociais, tendendo, inclusive, a serem transmutados em baluartes do progresso social. Nesse sentido, as frações das classes dominantes desempenham um papel decisivo quanto ao direcionamento dos homens à uma condição singularizada, fragmentária e atomizada na vida cotidiana. Desta feita, revela-se a vinculação indesatável e concomitante da contrariedade humano-prática das determinações sociais e individuais no campo do estranhamento. Afinal, não é possível separar a ética individual de seu chão histórico-social.

Para Alves (2007), é por mobilizar com veemência a "profundidade da alma humana", que o capitalismo financeirizado, do ideário neoliberal-gerencial promove uma verdadeira epidemia de doenças psicossomáticas. Neste contexto, o estranhamento humano-genérico vinculado a lógica capitalista atinge a subjetividade tanto em sua expressão mental, quanto pela corporalidade viva. Por essa razão, devemos demarcar que o trabalho estranhado e as suas expressões psicossomáticas inflexionam toda a totalidade viva do trabalho, desde as linhas de produção até aos



TRABALHO ALIENADO,
DESTRUIÇÃO DA NATUREZA E
CRISE DE HEGEMONIA
Consciência do Classo o Lutas

Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

profissionais com atribuições intelectuais premidas por metas e desempenhos inerentes ao universo gerencial.

Lukács (2013, p.664) afirma que "na vida cotidiana, o rio via de regra é tão coisificado quanto o barco que nele navega". Destarte, a ilusão de nossa época em que a "gestão" apresenta-se como paradigma neutro, científico e apolítico serve à reverberação dos preceitos mais reificadores do capital. Isto porque, a classe que detém os meios de produção é, precisamente, aquela que dispõe dos mecanismos hegemônicos de produção intelectual, produzindo, assim, a falsa consciência de que as suas demandas (de classe burguesa) são universais, na forma de carecimentos aplicáveis a toda a classe trabalhadora.

Nesta direção, Luckács (2013) esclarece que, inclusive os ideólogos do capitalismo (que o defendem por meio de elaborações tantas vezes frágeis e de cariz ambíguo) tendem, eles próprios, a expressar as contradições dos limites desse sistema. Isto porque, ao elaborarem tantas novas "ferramentas" de humanização do trabalho, mesmo que de modo involuntário, acabam por revelar a incapacidade do capitalismo de se constituir num espaço de realização humana, denunciando a supressão do potencial criador do trabalho. Com isso, tais apologistas, ao não reconhecerem a essência da razão de ser dos limites desse "sistema (para eles) perfeito", lançam novo véu alienante ao fixar suas fórmulas e estratégias somente no homem singular, na esfera da particularidade compreendida como irrevogável. Tratase, assim, da tendência geral em rebaixar todos os problemas da existência humana ao nível da particularidade, vulgarizando, pois, os sentidos que haviam "ganhado" expressão social. Desse modo, arriscamo-nos a dizer que o gerencialismo não atua somente como espécie de religião ou seita, mas, sim, é a nova religião de nossa época que, somando-se aos demais componentes alienadores do capital (como o próprio trabalho estranhado), atua como um catalisador do processo de inversão da consciência dos trabalhadores frente ao mundo que ora se apresenta.

Neste caso, usamos *a analogia da religião para pensar o gerencialismo* por apreendê-la como o "arquétipo de todos os estranhamentos mediados precipuamente pela ideologia", visto que possui como função primária o papel de regular a vida cotidiana nas sociedades em que obtém o domínio. Nesse sentido, a *religião gerencial* tende a apresentar-se como o porta-voz imediato do poder transcendente que, nesse

X Jornada Internacional Políticas Públicas



TRABALHO ALIENADO,
DESTRUIÇÃO DA NATUREZA E
CRISE DE HEGEMONIA

Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

caso, é o poder do capital. O *gerencialismo* reivindica, assim, a sua "mensagem" não apenas na condição de ideias e formas de ser como vivências pessoais subjetivas, mas, sim, como uma revelação heurística de estratégias para a mitigação do estranhamento no trabalho. Portanto, os homens da era da gestão devem crer nas "revelações" gerenciais, de maneira que nem mesmo as provas intelectuais ou evidências sensíveis (como os altos índices de adoecimento psíquico e violência laboral) sejam apreendidas como capazes de pôr em xeque seus modismos. Logo, ao contrário das seitas que só reconhecem como seus adeptos aqueles que aceitam a sua doutrina sem reservas (LUKÁCS, 2013), a cruzada gerencialista se impõe na condição de religião que, por ora, doutrina inclusive as religiões propriamente ditas.

Desta forma, faz-se mister demarcar que a vida cotidiana põe os homens em contato com aquilo que os aliena e degenera. Logo, as formas de "proselitismo" gerencial" realizam esse papel de degradação humana, incentivando a reação dos sujeitos à ausência de sentidos do trabalho de modo "direto, pessoal e humano contra o estranhamento" (LUKACS, 2013). Entretanto, trata-se de uma reação inerente à produção das falsas consciências, que estimula e entusiasma os homens em suas singularidades, imprimindo uma lente afetiva sobre a cotidianidade sem, contudo, alçá-los ao nível da universalidade. Com isso, molda-se um "ideal" de homem e de conduta humana, apelando, pois, à individualidade do homem singular. Por esse motivo, nos chama a atenção para a necessidade de pensarmos sobre a busca ideológica do capital voltada à produção de um homem premido, restrito à sua particularidade social. Assim, a massiva veiculação desse ideário, inclusive pelo domínio dos órgãos de opinião pública, almeja, justamente, uma espécie de homogeneização em torno do homem neoliberal-gerencial e que só será reconhecido, identificado e valorizado como tal: "é evidente que, nesse caso, a "imagem" é uma reificação explícita do fazer da própria pessoa, da sua própria condição, do seu próprio ser" (IDEM, p.717).

Por fim, nesta conjuntura que visa "desideologizar a ideologia", obnubilando as condições concreto-objetivas de vida e trabalho da classe trabalhadora, é importante que esteja claro aos assistentes sociais, conforme delimita Gurgel (2003), o caráter pernicioso das "tecnologias gerenciais". Isto porque, neste cenário, a despolitização do trabalho profissional aparece mistificada pela eficiência da concessão e/ou a



DESTRUIÇÃO DA NATUREZA E CRISE DE HEGEMONIA Consciência de Classe e Lutas

TRABALHO ALIENADO.

Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

negação "célere e burocrática" dos direitos e serviços, como o único horizonte possível da intervenção profissional. Na mesma direção, Gurgel (2003) nos chama a atenção para uma verdadeira ruptura entre a retórica ora posta e a totalidade real a qual tende a ser suplantada pela aparência (muitas vezes, coerente) dos símbolos linguísticos gerenciais, os quais se tornam um poderoso veículo da ideologia dominante, contribuindo diretamente à barbarização da vida social expressa por meio das distintas formas de adoecimento e da verdadeira epidemia de violências laborais presentes, sobretudo, em instituições da área sociojurídica. Nesse sentido, para uma atuação crítica do assistente social na condição de trabalhador e, portanto, de integrante da classe trabalhadora, é imprescindível que o Serviço Social se centre na radicalidade da própria questão social e de suas expressões no mundo do trabalho. Do mesmo modo, os integrantes da categoria devem se manter atentos às formas de expressão das falsas consciências, combatendo a limitação do trabalho profissional às dimensões possibilistas e falso-humanizadoras do ideário gerencial. Isto porque, esse ardil do capital age como um catalisador do processo de inversão da consciência dos trabalhadores na época presente.

### **REFERÊNCIAS**

ALVES, G. **Dimensões da Reestruturação Produtiva** -ensaios de sociologia do Trabalho. Bauru:Canal6 Editora, 2007.

ALVES, G. **Dimensões da Precarização do Trabalho** – ensaios de sociologia do Trabalho. São Paulo: Canal 6 Editora, 2013.

ALVES, G. A Nova Precariedade Salarial e o Sociometabolismo do Trabalho no Século XXI- Reforma trabalhista: a nova ofensiva neoliberal no Brasil. In: CASULO, A; SILVEIRA, C.; ALVES, G e VZQUEZ, P. (Orgs). Precarização do Trabalho e Saúde Mental – O Brasil da Era Neoliberal. Bauru: Canal6, 2018.

DEJOURS, C. A Banalização da Injustiça Social. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

TRABALHO ALIENADO.

GURGEL, C. A Gerência do Pensamento – gestão contemporânea e consciência neoliberal. São Paulo: Cortez, 2003.

HAN, B. C. Sociedade do Cansaço. Petrópolis-RJ: Vozes, 2017.

LAURELL, A. C. e NORIEGA, M. **Processo de Produção e Saúde:** trabalho e desgaste operário. São Paulo: HUCITEC, 1989.

LUKÁCS, G. Para Uma Ontologia do Ser Social II. São Paulo: Boitempo, 2013.

NETTO, J. P. Crise do Socialismo e Ofensiva Neoliberal. São Paulo: Cortez, 2007

NETTO, J. P. [Org.] O Leitor de Marx. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

SELIGMANN-SILVA, E. **Trabalho e Desgaste Mental** - o direito de ser dono de si mesmo. São Paulo: Cortez,2011.

VALLE, Karla F. **Serviço Social e Gerencialismo:** um debate sobre o trabalho profissional em espaços sócio-ocupacionais reestruturados. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Serviço Social, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, 2019.